


Conexões de cura na arte contemporânea brasileira

“Cure” connections in contemporary Brazilian art

Guilherme Marcondes*

 0000-0001-6114-7944
gui.marcondesss@gmail.com

Resumo

As marcas da colonização são profundas no sul global, de modo que mesmo hoje, no Brasil, há indivíduos que, se autodenominando como parte de uma nova direita política, negam os efeitos da colonização, dentre os quais, o racismo. Assim, ao passo que há atores sociais fazendo um revisionismo da história a fim de manter classes dominantes no poder, há também pessoas buscando subverter as lógicas coloniais. Este processo de disputas tem se dado em diversos campos, como o da arte, objeto de interesse deste artigo. Artistas negrodescendentes têm angariado atenção no mundo da arte questionando cânones e regras a regerem processos de legitimação, circulação e visibilidade na arte brasileira. Deste modo, objetiva-se aqui apresentar e compreender perspectivas de artistas que vêm tratando, especialmente, do que chamam de “cura”.

Palavras-chave

Arte Contemporânea; Cura; Artistas Negrxs; Epistemologias Negras; Brasil

Abstract

The marks of colonization are profound in the global south, so that even today, in Brazil, there is some individuals, self called part of a new right policy, that act in deny about the effects of colonization, including racism. Thus, while social actors are revising history in order to keep the ruling classes in power, there are also people seeking to subvert colonial logics. This dispute process has taken place in several fields, such as art, which is the object of interest in this article. Thus, black artists have garnered attention in the art world by questioning the canons and rules that govern the processes of legitimation, circulation and visibility in brazilian art. In this way, the objective here is to present and understand the perspectives of black artists, who deal, especially, with what they call healing.

Keywords

Contemporary Art; Cure; Black Artists; Black Epistemologies; Brazil

* Pós-doutorando (PNPD/ CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UECE (PPGS/UECE). Doutor e mestre pelo PPGSA/UFRJ. Pesquisador associado ao NUSC/UFRJ e ao GRUA - Grupo de Reconhecimento de Universos Artísticos/Audiovisuais.

Introdução

Discussões em termos políticos têm desvelado que há divergências no entendimento dos processos que constituíram o Brasil enquanto nação. Há, grosso modo, duas formas de compreensão do histórico nacional (com divergências e subdivisões)¹: por um lado, entende-se que o processo, chamado de descobrimento, pode ser definido como invasão de terras, assassinio, sequestro e escravização de populações e, enfim, de desvalorização de modos de vida que não se assemelhavam aos padrões branco-europeus. Mas, por outro lado, há a noção de que tal processo foi *natural/evolutivo* e que as violências perpetradas (quando assim compreendidas) se justificariam em nome do “progresso” da sociedade.

Tudo se passa, as vistas de quem defende a segunda forma de entendimento, como se a sociedade garantisse direitos básicos para todas as pessoas, sendo a ideia de mérito valorizada. Afinal, o termo “mimimi” vem sendo utilizado para indicar que reivindicações a direitos igualitários por parte de grupos minoritários seriam desnecessárias. Quem não possui condições básicas de existência não as teriam por falta de trabalho árduo. Quaisquer outros motivos para explicar desigualdades da sociedade, como o racismo que estrutura as relações (ALMEIDA, 2018), são tomados como “mimimi”.

Há no Brasil atual uma disputa de narrativas e, assim, de projetos societários. De um lado, colocam-se indivíduos que apoiam (consciente ou inconscientemente) a manutenção das hierarquias e desigualdades estabelecidas ainda em tempos coloniais. De outro, impõe-se quem vê a necessidade de alteração das regras que regem a sociedade, buscando (ao menos discursivamente) uma melhor distribuição dos recursos produzidos pela sociedade entre sua população.

¹ Faço aqui uma caracterização dual, como se fossem apenas dois grupos distintos, todavia, é fundamental destacar que cada grupo tem suas subdivisões e distintos projetos, o que complexifica as relações, as disputas e os consensos. Porém, para os fins deste artigo, recorro a esta caracterização mais breve e sem tantas nuances com a finalidade de me ater ao objetivo do texto.

É interessante perceber que é senso comum (explicitado, sobretudo, em redes sociais) a ideia de vivermos em uma “sociedade doente”. Partidários de um projeto político ou do outro argumentam que o outro grupo é adoecido. Perseguindo, todavia, caminhos opostos, ambos os grupos versam sobre a “doente sociedade brasileira” e querem estabelecer seus projetos societários.

A ideia de uma “doença da sociedade” pode ser encarada como fundante da sociologia, basta retomarmos trabalhos de Karl Marx ou de Émile Durkheim, quando ambos denominaram tal mal. Para Marx o nome da doença seria capitalismo ([1867] 2008) e para Durkheim, anomia ([1893] 1999). Em que pese suas diferenças, ambos os autores buscaram ferramentas para compreender, analisar e buscar resoluções para “doenças da sociedade”.

Esse texto não tem o intuito de constatar se a sociedade está ou não doente. Parto da constatação de que temos uma paciente (a sociedade brasileira) em estado grave, pelo que outrora denominei de “vírus colonial” (MARCONDES, 2020). Procuo a compreensão dos processos de cura para/da sociedade, tomando, para isso, a produção de artistas contemporâneos/as/es negrodscendentes que têm tratado a noção de cura em três sentidos: de memória, de subjetividade e a religiosa; ora ressaltando o caráter individual, ora o coletivo. Privilegio, assim, uma análise de sociologia da arte que destaca a questão étnico-racial.

No atual campo da arte brasileira, embora não seja uma questão nova, há um debate intenso acerca da necessidade de ampliação de espaço (em termos de legitimação) para artistas negrodscendentes e indígenas, sendo o processo de legitimação de artistas negrodscendentes o foco da pesquisa ancorada neste texto. Nela, 36 artistas de sete estados brasileiros foram entrevistados/as/es e, a partir de suas respostas, bem como de uma análise de suas produções, pôde-se perceber que a ideia de cura, nos três sentidos mencionados, tem sido importante para alguns/mas/mes destes/as/us artistas.

Destarte, este artigo trata tais narrativas de cura, sendo dividido em três subitens: um sobre a conexão entre cura e memória, outro acerca da relação entre cura e subjetividade e, por fim, um item dedicado à ligação entre cura e religiosidade. Cabe dizer, ainda, que acredito que estes três sentidos de cura estejam conectados de modo que os trabalhos aqui mencionados em um item poderiam ser pensados em outros, mas, para fins de análise proponho a referida classificação.

1. A cura da memória

Entendo a memória coletiva como basilar para a manutenção dos laços entre elementos que compõem a sociedade. Afinal, através dela histórias individuais se conectam, e é possível a criação de laços coletivos a pautarem regras que passam a regulamentar o convívio social. Como destaca Andreas Huyssen, “a memória é sempre transitória, notoriamente não confiável e passível de esquecimento; em suma, ela é humana e social” (HUYSSSEN, 2000, p. 37). A memória é, portanto, feita a partir das relações sociais. Assim, o processo de construção da memória é um campo de batalha, posto que tanto alça quanto encobre personagens e fatos. Logo, a contenda em torno da memória nacional, resumida acima, pode ser encarada como uma disputa pelo projeto de poder a ser seguido.

Trazer a questão étnico-racial para o centro do debate torna mais nítido como se configuram tais disputas. Esta questão tem/teve centralidade na constituição da memória coletiva nacional e, creio, que as diferentes compreensões em relação ao papel do elemento negro na constituição do Brasil indicam os dois projetos de poder mencionados acima. A questão étnico-racial foi, inclusive, essencial para a formação da sociologia brasileira, quando o debate se colocava, nas primeiras décadas do século XX, de acordo com Ricardo Benzaquen de Araújo (2009), entre, por um lado, aqueles que compreendiam que a miscigenação ocorrida no país implicaria esterilidade biológica e cultural, atrapalhando o avanço da sociedade brasileira; e, por outro, contava-se com a defesa da miscigenação em “elogio” aos intercursos sexuais entre pessoas de diferentes etnias. Porém, cabe destacar que esse debate contava publicamente, ou com maior atenção pública, para as vozes de homens brancos que, em muitos casos, advinham de famílias outrora escravistas.

Distinguem-se acerca da questão vozes de autores/as negrodescendentes, caso de Virgínia Leone Bicudo ([1945] 2010), Abdias Nascimento (1978) e Lélia Gonzalez (1983) que em suas pesquisas demonstraram que a miscigenação brasileira não seria sinônimo de atraso para o país. Além disso, comprovaram que o racismo também estava presente em argumentos que elogiavam a miscigenação quando se “esqueciam” (ou não davam centralidade para as) das violências desferidas contra as populações negras e indígenas e, ainda, que a ideia elogiosa da miscigenação, em muitos casos, tinha em si um argumento em prol do embranquecimento da sociedade.

É importante, então, demonstrar quais são hoje os efeitos desse debate, para que depois se compreendam os caminhos tomados pelos/as/es artistas cujas produções serão aqui analisadas. Antes, porém, com intuito de exemplificação aciono um fato recente e as opiniões emitidas em uma matéria jornalística.

Em de junho de 2020 vieram à tona áudios gravados sem consentimento do presidente da Fundação Palmares, Sérgio Camargo, partidário do projeto de poder da extrema direita política brasileira. Criada a partir da Lei Federal nº 7.688, de agosto de 1988, de acordo o artigo 1º, a Fundação Palmares tem “[...] a finalidade de promover a preservação dos valores culturais, sociais e econômicos decorrentes da influência negra na formação da sociedade brasileira”². A Fundação teria o intuito de propiciar a valorização da cultura negra na sociedade brasileira. Porém, como dito, seu presidente, nos referidos áudios, dizia, por exemplo, que o Movimento Negro seria uma “escória maldita”³.

Ao recorrer à matéria sobre o caso feita pelo portal de notícias G1, busquei comentários de leitores/as/us (aqui mantidos/as/es em anonimato) que são elucidativos de como se coloca a questão nos argumentos de diferentes grupos a partir de seus entendimentos sobre a história nacional em relação à questão étnico-racial, bem como acerca dos projetos de poder que defendem. É possível ver nas seguintes imagens tanto argumentos aliados aos de Camargo quanto contrários inclusive ao seu lugar à frente da instituição.

Como é possível notar nas imagens há uma oposição de projetos societários embasados em distintas compreensões do processo de formação da nação. Tais compreensões distintas da história e da memória nacionais têm como base diferentes narrativas explicitadas em/para a esfera pública seja pelo campo acadêmico, seja pelo político ao longo dos séculos. Considerando a estrutura que organiza a sociedade brasileira, é possível dizer que as narrativas de, em geral, homens brancos, produziram apagamentos e inferiorização do elemento negro. Tais homens socialmente valorizados com base em sua cor e status social, e suas narrativas compreendidas como oficiais, angariaram visibilidade.

² Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L7668.htm#:~:text=LEI%20N%C2%BA%207.668%2C%20DE%2022,Art.>. Acesso em: 21 ago. 2020.

³ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/06/02/sergio-camargo-presidente-da-fundacao-palmares-chama-movimento-negro-de-escoria-maldita-em-reuniao.ghtml>>. Acesso em: 21 ago. 2020



Imagens. 1, 2 e 3
Printscreens de comentários
postados publicamente no
site de notícias G1 em rela-
ção ao caso Sérgio Camargo.
Fonte: G1⁴

⁴ Ver nota 4.

Entretanto, autores como Clóvis Moura têm produzido uma frente de resistência ao apagamento e à inferiorização da história sociocultural da população negra. Moura ([1959] 2014) nos comprova que estavam incorretos os argumentos que defendiam uma passividade (e até mesmo masoquismo) do negro frente ao regime escravista. Recorrendo à história por meio de inúmeros documentos, enegrecendo o olhar sobre tais documentos, pôde Moura demonstrar que a resistência foi uma constante da população negra escravizada no país. Porém, a narrativa mais popular (ou mais divulgada) ainda não é a de pesquisadores/as/us como Moura, negrodescendentes que têm comprovado que a história oficial tem deixado de fora nuances importantes a ressignificarem a história, destacando a ação de pessoas negras que vêm atuando há séculos para obter valorização e direitos sociais básicos em uma sociedade que, para se estruturar, expropria/ou de si e de seus ascendentes, por exemplo, riquezas obtidas com sua força de trabalho (FERREIRA DA SILVA, 2019).

Como Moura, Bicudo, Nascimento e Gonzalez, artistas visuais negrodescendentes têm reposicionado fatos históricos e a memória nacional em outras bases. Sendo este o primeiro sentido de cura a ser tratado: aquele relativo aos processos históricos e à presença negra, corrigindo equívocos de narrativas tomadas como oficiais, advindas de uma elite intelectual branca e bem-nascida (em termos econômicos) por ser, em muitos casos, herdeira de riquezas constituídas através da escravização.

Para trazer este aspecto de cura em relação à memória, recorro aos trabalhos de Maria Cecília Felix Calaça e Tiago Sant'ana, artistas que compõem uma frente de resistência em relação ao apagamento da história e da memória da contribuição negra no país. Tanto Sant'ana quanto Calaça demonstram como a memória tem um papel no que chamamos de cura. A revisão dos fatos históricos por um olhar dos elementos subalternizados permite recontar os fatos, trazer novos entendimentos e novas organizações do estar em sociedade, posto que implica uma revisão das regras estabelecidas por aqueles que desde 1500 vêm ocupando os status sociais mais elevados e atuado para a manutenção de hierarquias ainda em diálogo com o projeto colonial.

Em seus trabalhos (imagens 4 e 5) Calaça e Sant'ana têm operado uma revisão da história social e cultural negra, reposicionando os fatos não a partir do que foi colocado por aqueles beneficiados, direta e/ou indiretamente, do sistema escravista, mas pelo olhar da própria população negrodescendente. Deste

modo, em *Afrotravessia* (2018), Calaça, de um lado, condena as violências, por outro, homenageia existências interrompidas no processo colonial. Conta, então, poeticamente uma história que parte dos mesmos acontecimentos da oficial, mas com outras nuances.



Imagem 4

Maria Cecília Felix Calaça,
Afrotravessia, 2018.
Fotografia: Thiago Matine
e Nicolás Leiva.
Fonte: Catálogo do 70º
Salão de Abril, 2019



Imagem 5

Tiago Sant'ana,
Aguardente, 2019
Fotografia: Tiago Sant'ana
Fonte: site do artista⁵.

⁵ Disponível em: <<https://tiagosantanaarte.com/2019/03/19/aguardente/>>. Acesso em: 21 ago. 2020.

Como Calaça, Tiago Sant’ana retorna ao passado colonial. Em *Aguardente* (2019), o artista rememora o eito da cana de açúcar que contou com a exploração da força de trabalho da população escravizada. Sant’ana, igualmente, homenageia pessoas que perderam suas vidas na travessia atlântica, bem como em decorrência dos maus-tratos coloniais.

Compreendo, assim, que tanto Calaça quanto Sant’ana produzem uma cura da memória. Recorrem ao passado com outro olhar sobre o mesmo, reposicionando fatos, recontando-os no presente, com vistas ao futuro. Narram perspectivas historicamente apagadas para erigir projetos distanciados do colonial. Uma perspectiva negra sobre a história, diferente daquela pautada nos argumentos de Sérgio Camargo e daqueles que, como ele, baseiam a história oficial escrita, em grande parte, por mãos brancas.

2. A cura da subjetividade

Na videoinstalação *Ilusões Vol. I, Narciso e Eco* (2019a), Grada Kilomba traz uma leitura descolonizada do mito grego de Narciso e Eco; trazendo a metáfora do jovem que se torna objeto de amor e idolatria por si próprio com a finalidade de tratar da sociedade branca e patriarcal. A autora aborda os padrões de beleza e conhecimentos valorizados em sociedades coloniais que, em geral, refletem exclusivamente aqueles criados e reproduzidos por pessoas brancas.

Kilomba (2019a; 2019b) trabalha com a noção de “trauma” da psicanálise, especificando a questão sobre as pessoas negras no mundo criado pela colonização, a colonialidade e o imperialismo, que estabeleceram as ditas diferenças raciais e colocaram a branquitude como o padrão. Em um momento histórico em que um projeto de poder apoia a negação das potências da população negra, como exemplificado através do caso Camargo, tem-se também autores/as/us que, como Kilomba, têm desvelado diferentes e múltiplas tecnologias de poder colonial pensando modos de sanar as feridas coloniais em negrodescendentes.

Como Kilomba existem outros/as/es artistas que têm tomado a questão do “trauma colonial”, trazendo processos de cura para subjetividades negras violentadas de diferentes modos pelo projeto societário em curso. Para os fins deste artigo, abordo os trabalhos de Val Souza e Renata Felinto (imagens 6 e 7, respectivamente), por serem elucidativos de como, no campo da arte, artistas negras/os/es têm indicado necessidade de uma cura da subjetividade.



Imagem 6
Val Souza. Fotografia.
Fonte: Instagram da artista⁶

Val Souza (imagem 6), sobre uma fotografia sua, cria mapas com questões que lhe atravessam sendo uma mulher ↔ negra ↔ artista no Brasil, traçando caminhos de fuga da situação colonial. Em entrevista realizada com a artista, ela mencionou sermos todos, pessoas negras, indígenas e brancas, constituídas pelo “guarda-chuva colonial”, no entanto, ocupando diferentes posições e sendo colocadas, pelas regras da sociedade, a ocupar lugares arquitetados de acordo com a racialidade ficcionalizada pela colonialidade.

Souza indica, como Kilomba (2019a; 2019b), a necessidade de repensar padrões que conformam nossa existência, produzindo o que chamou de “conexões de cura com outras pessoas negras”⁷, para que seja possível superar os “traumas coloniais”. Souza opera, assim, uma subversão, também proposta por Kilomba (2019b), descolando pessoas negras do papel de “objetos” para o de “sujeitos”, os quais, deste lugar negado pela sociedade tal qual está constituída, afundam a caravela colonial posicionando os fatos do passado em outras bases com vistas a um projeto futuro que não tenha marcas da colonialidade.

⁶ Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CDhIQDenf8z/>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

⁷ Frase fundamental em seu sentido e por isso dá nome a este artigo.

A importância de que o futuro da sociedade se fundamente em outro projeto de poder também está presente no trabalho de Renata Felinto. Na série *Não conte com a fada* (imagem 7), a artista traz contos de fadas, mudando o modelo comum de tais narrativas e colocando em primeiro plano o referencial negrodescendente.

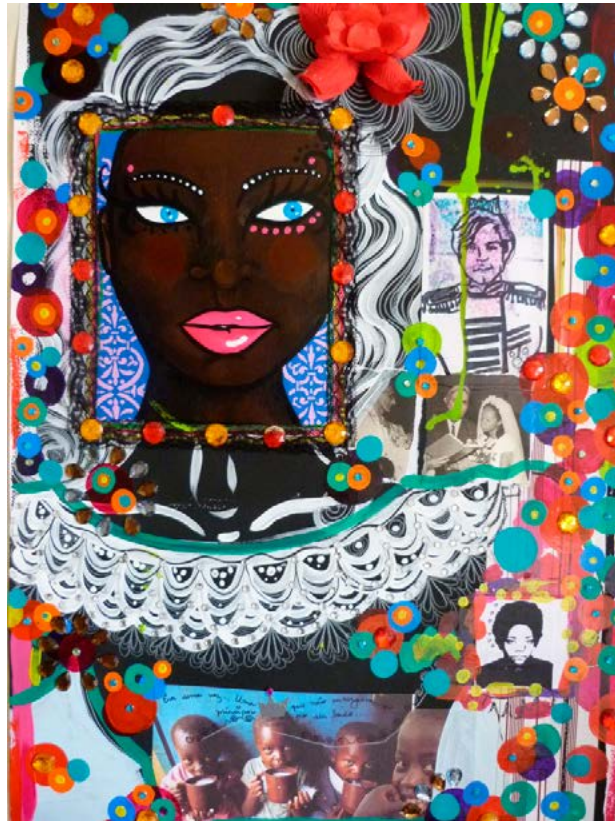


Imagem 7
Renata Felinto. Sem título,
da série *Não conte com a
fada*, 2011. Pintura e cola-
gens. Fonte: site da artista⁸.

Contos de fada podem ser importantes ao imaginário e à construção de nossas subjetividades e, ao trazer para o centro o referencial negrodescendente, Felinto discute como educamos crianças negras em uma sociedade que não tem em pessoas negras um referencial socialmente valorizado. A artista subverte a

⁸ Disponível em: <<https://renatafelinto.com/nao-conte-com-a-fada/>>. Acesso em: 24 ago. 2020.

narrativa modelar e, ao imaginar novos futuros, traz o enegrecimento dos contos de fada. Operacionaliza, assim, um processo de “desalienação” de crianças de sua negritude, bem como coloca que crianças negras e não-brancas podem ser entendidas em um universo de fantasia e valorização, não apenas aquele das violências, como é, infelizmente, usual.

Cabe lembrar a pesquisa de Virginia Leone Bicudo para o chamado projeto UNESCO, coordenado por Roger Bastide e Florestan Fernandes, que, na década de 1950, contou com pesquisas que não comprovavam ser o Brasil o país da “democracia racial”, como era/é defendido. A contribuição de Bicudo contou, justamente, com o ambiente escolar para investigar como o racismo poderia se dar, ou não. Tendo revelado que o padrão social (estruturante da sociedade) que era passado às crianças, corroborava que apresentassem atitudes discriminatórias em relação à racialidade (BICUDO, 1955). Havia, então, um processo de alienação de pessoas negras de sua história, de sua negritude, em/por uma sociedade a desvalorizar atributos negros. Mas, em meio a isso, é como se Felinto nos dissesse que é possível sonhar outros sonhos que não os coloniais.

Souza, Felinto e Kilomba propõem/efetivam, a nosso ver, um processo de cura da subjetividade negra alienada da negritude enquanto potência, por serem apagados e desvalorizados os padrões de conhecimento e beleza dessa população frente àqueles advindos de pessoas brancas. A cura da subjetividade é entendida, então, como um processo de “desalienação” de pessoas negras de sua negritude.

3. A cura pela/da religiosidade

Da caravela colonial desembarcou o cristianismo em sua matriz católica e, assim, as religiosidades distintas daquela propalada pelos colonizadores são até dias atuais marginalizadas. O cristianismo foi, de fato, uma ferramenta da colonização para domínio dos povos chamados pelos colonizadores de inferiores. Sendo assim, as formas de religiosidade indígenas e de matriz africana são, ainda, vistas com maus olhos pela sociedade dominante.

Sendo a religião um aspecto basilar para a coesão social (DURKHEIM, [1912] 1996), a imposição dos valores religiosos dos colonizadores apagava outras formas de coesão que não aquelas que estruturavam a sociedade colonial.

Com este processo, têm-se religiosidades, como as de matriz africana, criminalizadas, por exemplo, no código penal de 1890 (PEREIRA, 2017).

Hoje, apesar do artigo 5º Constituição Federal de 1988, não é raro encontrar denúncias de preconceito religioso – caso do presidente da Fundação Palmares que, nos áudios mencionados, referiu-se a uma mãe de santo de modo discriminatório⁹. De fato, sendo a religião um aspecto importante para a coesão social, apagar, deslegitimar, inferiorizar e criminalizar religiões privilegiando outras é o mesmo que afastar um povo da história de seus ancestrais e, assim, de sua própria história, facilitando sua dominação.

Ademais, por se pautarem na heterossexualidade e na cisgêneridade, religiões de matriz cristã contam com integrantes que recorrem à religião como desculpa para tomar ações discriminatórias e violentas contra pessoas não enquadradas nos modelos normativos heterossexuais e cisgêneros. Assim, a dominação e o apagamento via religião se dão, também, como forma de controle dos corpos.

Em meio às violências e apagamentos advindos do campo religioso, artistas negrodescendentes têm pautado uma discussão acerca da cura, neste caso, da/pela religiosidade. Aqui tomo como exemplo os trabalhos de Ventura Profana e Castiel Vitorino Brasileiro, que têm produzido narrativas diferentes das usuais/coloniais acerca da religiosidade; a primeira, subvertendo o vocabulário cristão (imagem 8), e a segunda, recuperando aspectos da tradição negrodescendente (imagem 9).

Profana e Brasileiro são artistas que em suas existências praticam ferrenha desobediência às normatividades a regerem a sociedade brasileira. Sendo negrodescendentes, uma pastora evangélica e cantora, a outra psicóloga e macumbeira (como se define), ambas travestis, fazem parte de uma população que em termos tanto raciais quanto de gênero tem sofrido não apenas com um apagamento de sua história, mas com um genocídio de suas vidas. Em suas produções exibem violências coloniais, mas, especialmente, traçam planos de fuga do sistema, lidam com a cura e refletem sobre a subversão do modelo de sociedade vigente.

⁹ Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/06/04/mae-de-santo-vai-a-policia-apos-ser-xingada-por-sergio-camargo.htm>>. Acesso em: 26 ago. 2020.

Arte e Ensaios
vol. 26, n. 40,
jul./dez. 2020

Imagem 8

Ventura Profana. Sem
título, da série Sonda, 2020
Colagem. Fonte: Instituto
Moreira Salles¹⁰



Imagem 9

Castiel Vitorino Brasileiro.
Descarrega, 2018.
Fotoperformance.
Fonte: site da artista¹¹



¹⁰ Disponível em: <<https://ims.com.br/convida/ventura-profana/>>. Acesso em 25 de agosto de 2020.

¹¹ Disponível em: <https://castielvitorinobrasileiro.com/_foto_descar>. Acesso em: 25 ago. 2020.

Apoiadas em distintas matrizes religiosas – uma ligada ao neopetencostalismo e a outra à umbanda – Profana e Brasileiro tratam de uma reconexão em bases distintas do que tem sido posto como modelo. Ao assumirem que a religião é importante para a coesão social, é possível dizer que ambas as artistas têm difundido outros olhares sobre a religiosidade, clamando pelo fim da colonialidade e estabelecendo outras formas de conexão espiritual e, por sua vez, de coesão social. Tratam de um processo de cura cura da sociedade por meio de religiosidades distintas das modelares, bem como uma cura individual com a subversão de um modelo que apregoa a morte para existências desviantes e, igualmente, no sentido coletivo de reconexão com um histórico ancestral, apagado e violado pelo projeto colonial.

Considerações Finais

Cura é o tratamento contra uma doença e, se encaramos o projeto colonial como um vírus que provoca adoecimento, é possível considerar que os/as/es artistas aqui mencionados/as/es têm realizado narrativas de cura para males da sociedade no que diz respeito a sua população negrodscendente, levando em conta também questões de gênero e classe. O olhar sobre a produção negrodscendente no campo da arte contemporânea, talvez, ainda se prenda a aspectos das violências vividas por estes indivíduos, como indicam entrevistas realizadas para a pesquisa. Todavia, aqui propus um olhar sobre esses trabalhos que, informados pelas violências vividas, se propõem a traçar outras possibilidades, não se limitando ao campo da arte nem da explicitação de violências.

Violências são parte do cotidiano dos corpos negros, trans, mulheres entre outros que compõem uma sociedade desigual, mas não necessariamente informam toda a narrativa de trabalhos como os aqui reunidos. Em termos de narrativas, nos trabalhos aqui mencionados há homenagens a ancestrais, projetos de futuro, narrativas sobre espiritualidade e modos de sobrevivência, enfim, conexões de cura em um sentido ampliado.

O campo da arte é, de fato, compreendido como fundamental para a compreensão de regras que regem a sociedade, e as narrativas produzidas neste universo podem indicar novos rumos acerca do projeto de sociedade que vivenciamos e construímos diariamente. Em tempos de polarização de posições no/sobre

o campo político de um modo mais explícito, é fundamental atentar para o que vem sendo produzido por artistas negrodscendentes. Com efeito, é possível dizer que a noção de cura se coloca sobremaneira, sendo assim, acompanhar tais narrativas pode ser frutífero para o traçado de novos rumos societários.

Referências

- ALMEIDA, Silvio. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte: Letramento, 2018.
- ARAUJO, R. A. B. Chuvas de Verão. “Antagonismos em equilíbrio” em Casa-Grande e Senzala de Gilberto Freyre. In: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia (Orgs.). **Um enigma chamado Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, v. 1, p. 198-211, 2009.
- BICUDO, Virgínia. **Atitudes raciais de pretos e mulatos em São Paulo**. MAIO, Marcos Chor (Org.). São Paulo: Editora Sociologia e Política, [1945] 2010.
- _____. Atitudes dos alunos dos grupos escolares com a côr dos seus colegas. In: BASTIDE, Roger; FERNANDES, Florestan. **Relações raciais entre negros e brancos na cidade de São Paulo**. Editora Anhembi Limitada, 1955.
- DURKHEIM, Émile. **Da divisão social do trabalho**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- FERREIRA DA SILVA, Denise. **A dívida impagável**. São Paulo: Casa do Povo, 2019.
- GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: SILVA, Luiz Antônio Machado et alii. **Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos**. Brasília, ANPOCS, p.223-44, 1983.
- KILOMBA, Grada. **Desobediências poéticas**. São Paulo: Pinacoteca de São Paulo, 2019a.

_____. **Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019b.

MARCONDES, Guilherme. **Anticorpos para o combate ao vírus colonial: algumas ideias através da arte.** Rio de Janeiro: Horizontes ao Sul, 2020. Disponível em: <https://www.horizontesaosul.com/single-post/2020/04/29/ANTICORPOS-PARA-O-COMBATE-AO-VIRUS-COLONIAL-ALGUMAS-IDEIAS-ATRAVES-DA-ARTE>

MARX, Karl. **O Capital – Crítica da Economia Política.** Livro 1, Volume 1 – O Processo de Produção do Capital. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, [1867] 2008.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas** ([1959] 2014).

NASCIMENTO, Abdias do. **O Genocídio do negro brasileiro – processo de um racismo mascarado.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

PEREIRA, Pamela. **Novos olhares sobre a coleção de objetos sagrados afrobrasileiros sob a guarda do museu da polícia: da repressão à repatriação.** (Dissertação) Programa de Pós-Graduação em Memória Social da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, 2017.

Submetido em setembro de 2020 e aprovado em outubro de 2020.

Como citar:

MARCONDES, Guilherme. conexões de cura na arte contemporânea brasileira. **Arte e Ensaios**, Rio de Janeiro, PPGAV-UFRJ, vol. 26, n. 40, p. 375-391, jul./dez. 2020. ISSN-2448-3338. DOI: <https://doi.org/10.37235/ae.n40.26>. Disponível em: <<http://revistas.ufrj.br/index.php/ae>>